

A periodização do desenvolvimento na idade de transição da adolescência e a esquizofrenia: relação entre a história do desenvolvimento humano e os processos patológicos

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Vanessa de Oliveira Beghetto Penteadó, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá-PR, Brasil; Giovana Ferracin Ferreira, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá-PR, Brasil; Laís Castro, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá-PR, Brasil.

Contato: vanessabeghetto@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho, de natureza teórico-conceitual, objetiva discutir a contribuição dos estudos da história do desenvolvimento humano em relação com os processos patológicos. Trabalhamos em específico com o adoecimento psíquico presente na esquizofrenia, que auxilia na compreensão do processo de desenvolvimento da adolescência. Por meio da discussão do curso do desenvolvimento normal e patológico, aprofundaremos no já citado estudo da esquizofrenia, realizado por L. Vigotski, e nos aspectos essenciais que auxiliam os objetivos almejados por este trabalho. Utilizamos os pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural e do método materialista histórico dialético, para trabalhar sobre os aspectos gerais da periodização do desenvolvimento, em específico utilizando os aspectos referentes à idade de transição da adolescência e do processo de adoecimento psíquico - etapa em que a esquizofrenia se desenvolve. Os desdobramentos deste estudo auxiliarão na compreensão tanto do curso do desenvolvimento normal quanto no patológico, processos necessários para a reflexão, aprofundamento de estudos na perspectiva adotada.

PALAVRAS-CHAVE: Periodização do desenvolvimento. Psicologia histórico cultural. Esquizofrenia.

INTRODUÇÃO

A afirmação de K. Marx “a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco”, constitui uma *reflexão metodológica*, que é apropriada e utilizada por L. Vigotski diversas vezes ao longo de sua obra. Vigotski no texto *O significado histórico da crise da psicologia* se utiliza desta afirmação para a constituição de um método investigativo respectivo ao campo da psicologia, para o autor, trata-se de “(...) transferir num plano metodológico categorias e conceitos fundamentais do superior para o inferior e não de extrapolar sem mais nem menos observações e generalizações empíricas” (VIGOTSKI, 2004, p. 207). Com isto, trabalharemos buscando enfatizar a *compressão dialética* presente na relação entre o *processo histórico do desenvolvimento humano*, estruturado em funções

psicológicas superiores e o *curso dos processos patológicos*. Esta dinâmica dialética entre o

curso do desenvolvimento normal e o patológico revela o fato de que *um processo é a chave para a compreensão de outro*.

Diante disso, utilizamos como referencial teórico e metodológico a Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada no método materialista histórico dialético, que se opõe ao idealismo e se orienta pela relação dialética entre o meio social e o psicológico, bem como entre o desenvolvimento normal e o patológico. Sobre estas bases, apresentamos como objetivo **relacionar a contribuição dos estudos da história do desenvolvimento humano e os processos patológicos, em específico o adoecimento psíquico na esquizofrenia, para a compreensão do processo de periodização do desenvolvimento na idade de transição da adolescência.**

Para isto, julgamos necessário apresentar os aspectos gerais da periodização do desenvolvimento, assim como a sistematização realizada por Vigotski sobre a idade de transição da adolescência. Será abordada uma breve introdução sobre a concepção de homem que se discute na perspectiva teórica da psicologia histórico cultural, aspectos gerais da periodização do desenvolvimento, com foco na psicologia do adolescente, realizando uma síntese dos estudos referentes à idade de transição sobre a qual Vigotski se debruçou. A seguir, destrincharemos a discussão sinteticamente apresentada acima, que relaciona o processo de desenvolvimento normal e o patológico, para alcançar o estudo das patologias para a periodização do desenvolvimento. Utilizaremos uma das enfermidades descrita por Vigotski, a esquizofrenia, frisando sua importância e especificidade na periodização da adolescência. Na esquizofrenia, o autor compreende que há a desintegração da função de dissociação do pensamento, gerada pelo dano na formação de conceitos e a consequente regressão deste pensamento estruturado por conceitos ao pensamento por complexos. Fator que impactará tanto o desenvolvimento da personalidade quanto as relações interpessoais que terão uma cisão a nível social.

A justificativa social da escolha do enfoque deste trabalho é apresentada por Vigotski (2012) em sua obra *Psicologia do desenvolvimento do adolescente*, e diz respeito ao processo dialético anteriormente mencionado, em que a patologia e o desenvolvimento humano são a chave para a compreensão de ambos os processos. Ao longo do desenvolvimento explicaremos com maior riqueza de detalhes a centralidade do estudo da esquizofrenia e suas contribuições diretas para a compreensão do psiquismo humano. No tópico a seguir iniciamos o trabalho com uma breve sistematização da compreensão de homem em que nos referenciamos e os aspectos gerais que constituem a periodização do desenvolvimento.

O PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E SUA PERIODIZAÇÃO

A fim de compreender o desenvolvimento humano, Leontiev (1978) destaca no texto *O homem e a cultura*, baseando-se nas elaborações de Marx e Engels e, portanto, no método materialista histórico dialético, o trabalho como a categoria fundante do ser social. Ou seja, é a partir do trabalho que o homem se diferencia dos animais, e passa a ter um desenvolvimento que não está mais submetido às leis biológicas e sim às leis sócio-históricas. Nesse sentido, o desenvolvimento do *trabalho*; dos *instrumentos físicos* para transformar a natureza; além do desenvolvimento dos *signos, dispositivos artificiais*, dirigidos para o domínio dos próprios processos psíquicos, provocaram “modificações da constituição anatômica do homem, do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos da linguagem” (LEONTIEV, 1978, p. 261). Isto é, o desenvolvimento biológico do homem passava a ser dependente do desenvolvimento social, que se dava na forma como os homens produziam sua vida material.

Diante disso, tem-se que os homens modificam a natureza de acordo com as necessidades advindas do modo como eles produzem sua vida material. A partir disso, vão se criando instrumentos físicos e psicológicos a fim de satisfazer as necessidades oriundas do trabalho, num movimento em que o homem modifica a natureza em função de suas necessidades e, dessa forma, modifica-se a si mesmo. Essas aquisições humanas vão se transmitindo de geração em geração, o que possibilita a continuidade da história humana.

No processo de humanização, portanto, o bebê, que nasce potencialmente um ser humano, se apropria do patrimônio material e cultural produzido pelo gênero humano até o momento de desenvolvimento em que se encontra a sociedade na qual ele vive. Os instrumentos físicos e psicológicos são produtos da história da humanidade e carregam consigo uma significação também historicamente construída. Vemos que este processo de humanização é fundamental para gerar desenvolvimento humano, e difere do processo de hominização, na medida em que implica em transformações das funções psicológicas elementares – aquelas que têm por característica serem determinadas pelas peculiaridades biológicas do psiquismo. Ao longo da ontogênese, a utilização de instrumentos permite uma reorganização do psiquismo humano, que desenvolve suas funções psicológicas superiores e vai, aos poucos, abandonando o comportamento reflexo/imediato/impulsivo (presente nos animais e seres humanos) e vai adquirindo um comportamento mediado/voluntário/controlado (LEONTIEV, 1978).

Vigotski (2004) salienta que tais funções não se desenvolvem isoladamente, mas em articulação umas com as outras, formando o *sistema interfuncional da consciência*. Estudaremos no próximo tópico de maneira pormenorizada o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sua diferenciação com as funções psicológicas elementares e as

transformações qualitativas que este desenvolvimento proporciona ao comportamento humano.

Frente a essas considerações que embasam a compreensão de desenvolvimento humano para a psicologia histórico cultural, Vigotski (2012) em seu texto *O problema da idade*, enfatiza que o indivíduo, ao se apropriar da cultura, supera as questões biológicas-maturacionais em direção ao processo de humanização, desenvolvendo o psiquismo. Este processo de constituição do ser social se apresenta através de estágios, que são marcados por *crises* na passagem de um para o outro e que caracterizam o desenvolvimento e a estruturação da personalidade. A essa divisão se atribui o nome de **periodização do desenvolvimento**. O autor aponta que o desenvolvimento psíquico é um processo dialético e contraditório, que não ocorre de forma progressiva, mas é caracterizado por interrupções da continuidade e pelo surgimento de novas formações. Os períodos de crise se distinguem por mudanças e rupturas na personalidade da criança/adolescente, e é oposto ao que ocorre nos períodos estáveis de desenvolvimento, onde ocorrem sensíveis mudanças no comportamento, que se acumulam até a transformação qualitativa, marcada novamente pelo período da crise.

São as condições históricas e concretas que influenciam no conteúdo dos estágios do desenvolvimento e no processo de desenvolvimento psíquico como um todo. A duração e o conteúdo dos períodos do desenvolvimento se alteram de acordo com as exigências da sociedade. Também, são as condições históricas que determinam qual a atividade principal de cada estágio do desenvolvimento, cuja importância reside na sua centralidade para o desenvolvimento psíquico em determinado período. Tecidas estas considerações de cunho genérico, a respeito da periodização do desenvolvimento, iniciaremos a seguir a apresentação da periodização do desenvolvimento na adolescência. Cientes de que não abordaremos as demais fases do desenvolvimento, que vão desde o nascimento, com a crise de um ano, até a velhice.

A PERIODIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

Os estudos que hegemonicamente baseiam a psicologia do adolescente seguem um percurso de culpabilização do indivíduo perante seu desenvolvimento. Facci, M., Leal, Z. (2014), ao trabalharem sobre este período do desenvolvimento na contemporaneidade, buscam compreender a realidade concreta, desumanizada, que nos incita a problematizar o tratamento a que os adolescentes estão sendo submetidos. As autoras apontam a necessidade de compreender a adolescência por meio da abordagem da psicologia histórico cultural, em contraposição à visão biologizante e naturalizante. Sendo a adolescência uma construção

história caracterizada por formações psíquicas novas, por períodos de crises que redirecionaram a forma como o adolescente relaciona-se com o meio e com as pessoas.

Elkonin (1987) enfatiza que a transição da adolescência é o estágio mais crítico do processo de desenvolvimento humano. Embora a atividade de estudo continue a ser fundamental, novas necessidades são criadas nesse período. Nesse sentido, Elkonin denominou de *comunicação íntima pessoal entre os jovens*, a atividade principal desse período, o qual se desenvolve a comunicação como uma relação íntima entre os adolescentes. De acordo com Leontiev (1969), nesta etapa o adolescente muda a posição social que ocupa, pois a sua força física, certas capacidades e conhecimentos se igualam ao do adulto, podendo até superá-lo. Desenvolve-se o senso crítico frente às exigências que lhes são feitas, às formas de agir e qualidades dos adultos, bem como os conhecimentos teóricos.

Vigotski (2012), em seus escritos sobre a psicologia do adolescente busca estruturar os aspectos centrais que compõem as trocas que se produzem no organismo e nas funções psicológicas superiores durante o período de transição da adolescência. A seguir, desenvolveremos uma síntese desta contribuição, que constitui parte fundamental da revisão bibliográfica, necessária para a compreensão do objeto deste texto. Para trabalhar sobre as mudanças da idade de transição, o autor analisa vários estágios: “(...) passando das atrações aos interesses, dos interesses às funções psíquicas e delas ao conteúdo do pensamento e da imaginação criativa, como se vai formando a nova estrutura da personalidade do adolescente tão distinta da personalidade infantil¹” (VIGOTSKI, 2012, p. 225).

A análise é realizada com base nas contribuições já existentes sobre cada aspecto destrinchado, Vigotski (2012) parte de teorias do conhecimento já existentes, seja para concordar ou discordar, apresenta as limitações e avança frente às contradições da psicologia tradicional de sua época. Estabelecemos como prioridade as formulações alcançadas pelo autor neste estudo, sem desconsiderar as análises de outros teóricos, compreendemos que são as sínteses que centram no processo histórico-cultural do homem que contribuirão para os objetivos deste trabalho. Por fim, podemos afirmar que a contribuição de Vigotski sobre a periodização do desenvolvimento é inédita, que supera por incorporação os estudos existentes até sua época histórica, e constitui conteúdo necessário para a compreensão de homem, assim como para o avanço dos estudos da psicologia histórico cultural.

Para iniciar o **estudo do desenvolvimento do adolescente**, Vigotski (2012) apresenta o processo de **desenvolvimento dos interesses na idade de transição** como a chave para

¹ Esta citação trata-se de uma tradução do espanhol, da versão a que temos acesso da obra de Vigotski. Esta e as demais citações deste trabalho que se referem a esta obra serão traduzidas por risco das autoras.

compreender a constituição do psiquismo. Neste período, as aspirações são completamente distintas da infância, devido às mudanças que ocorrem na orientação da atividade e do comportamento, alavancando a conduta e os interesses a um novo patamar. A psicologia tradicional segue um caminho distinto para a compreensão do desenvolvimento dos interesses, ao afirmar que: “(...) estes acompanham como uma sombra o desenvolvimento dos hábitos surgidos como simples costumes e que, de fato, [os interesses] não são mais do que a simples tendência de repetir as ações realizadas múltiplas vezes” (VIGOTSKI, 2012, p. 14).

Vigotski (2012) supera este ponto de vista com a compreensão de que os **interesses não se adquirem, se desenvolvem**, são processos vitais, enraizados na base orgânica e biológica da personalidade. A força impulsionadora da atividade humana é a necessidade, que origina as aspirações, e tem um valor objetivo em relação à totalidade do organismo. Assim, a conduta do ser humano é regida pelas necessidades (sem reduzi-las a inatas) que podem ser de duas ordens, autênticas e não autênticas, que constituem a esfera dos interesses humanos. As novas necessidades nascem sobre a base das autênticas e possuem mecanismos que colocam em ação nossas reações.

A maturação sexual constitui o momento central em que aparecem novas necessidades e impulsos no sistema orgânico, que constitui a base das trocas dos interesses dos adolescentes. É importante ressaltar, que há um período de amadurecimento da nova base biológica que permite romper com o desenvolvimento dos velhos interesses e o posterior surgimento de novos. Este período, de ruptura, de involução de aspirações, resulta em um negativismo², onde desaparecem os interesses escolares, a produtividade da atividade decai. Além de maturação sexual, ocorre a maturação social da personalidade, aparecem novas atrações, base biológica para a reestruturação que ocorre na personalidade. A segunda fase do desenvolvimento dos interesses na idade de transição é a fase positiva, de afirmação dos aspectos sociais e culturais, onde desenvolvimento neste aspecto é mais amplo. “A negação e a afirmação, assim compreendidas, são dois momentos internos, imprescindíveis, de um processo único de desenvolvimento na idade de transição” (VIGOTSKI, 2012, p. 40).

Em seguida, Vigotski (2012) apresenta os estudos sobre o **desenvolvimento do pensamento do adolescente e a formação de conceitos**. Afirma que durante o período de transição da adolescência se formam novas funções intelectuais, com a separação entre o pensamento abstrato e dialético do pensamento visual-concreto (ou direto). A distinção que

² Este é o segundo momento em que aparece um negativismo, visto que ele ocorreu anteriormente na crise nos três anos.

ocorre no período de transição, que possibilita o pensamento abstrato é a utilização de conceitos, que possibilita a total renovação do conteúdo do pensamento, com a utilização das operações lógicas estabelecidas pela primeira vez, e a formação das funções psicológicas superiores. Estas funções não são pura continuação das elementares, mas uma formação qualitativamente nova, produto do desenvolvimento histórico da humanidade. Ambas as funções tem estreita relação, ou seja, são dependentes, mas não idênticas, logo as formações superiores são decorrentes do desenvolvimento cultural da criança.

O pensamento do adolescente não rompe com a forma concreta com a qual se origina, mas desenvolve uma forma nova que relaciona o concreto e o abstrato. Na etapa de transição há pela primeira vez a assimilação da formação de conceitos, que é a chave para o problema do desenvolvimento do pensamento. É um processo complexo, de trocas revolucionárias, que se diferencia totalmente da formação de funções elementares de caráter naturalista.

No pensamento do adolescente não somente aparecem formas sintéticas complexas, totalmente novas, desconhecidas para a criança de três anos, mas as formas elementares, primitivas, que a criança adquire já aos três anos de idade se reestruturam sobre novas bases na idade de transição (VIGOTSKI, 2012, p. 57).

Como consequência essencial do pensamento por conceitos, temos a troca do conteúdo do pensamento, que se renova e reestrutura. Os princípios que anteriormente eram exteriores, agora operam internamente, devido aos novos estímulos decorrentes do desenvolvimento do pensamento. O conhecimento só pode ser verdadeiramente assimilado após a formação de conceitos, pois as crianças assimilam as informações de forma incompleta, enquanto o adolescente participa ativa e criativamente da vida cultural que lhe é acessível.

A formação de conceitos permite ainda que o adolescente acesse o mundo de suas vivências internas, sua autoconsciência, por meio da palavra, que não é somente um meio de compreender os demais, mas também a si mesmo. Tem ainda como consequência, a possibilidade de compreender a realidade, que anteriormente se apresentava de forma fragmentada, conforme o pensamento por complexos, pois o conceito permite penetrar a aparência externa, conhecer a essência dos objetos.

O pensamento só pode ser socializado através dos conceitos, meio fundamental para a assimilação do conhecimento humano historicamente acumulado. “Se reconhecemos que o conceito é um determinado sistema de juízos, temos que admitir forçosamente que a única atividade que se revela o conceito e a verdadeira esfera em que este se manifesta é o pensamento lógico” (VIGOTSKI, 2011, p. 82). O pensamento lógico não é constituído por elementos isolados, mas por conceitos em ação. O que impede o aparecimento do pensamento

abstrato na idade escolar é que a própria criança não é suficientemente consciente de suas operações mentais, não podendo dominá-las; a criança domina antes a estrutura externa da operação mental do que a interna.

Ao tomar consciência do curso de seus próprios pensamentos e dos alheios no processo de comunicação verbal a criança começa a tomar consciência de seus próprios pensamentos e dirigi-los. A progressiva socialização do pensamento é o fator decisivo para o desenvolvimento do pensamento lógico na idade de transição, o elemento fundamental, central, de todas as trocas que se produzem no intelecto do adolescente (VIGOTSKI, 2012, p. 101).

Com este breve resgate aqui apresentado, sobre o desenvolvimento do pensamento, partindo de características que se apresentam na infância, Vigotski procurou demonstrar a importância do desenvolvimento do pensamento na idade de transição e sua relação com as demais características do psiquismo humano.

O desenvolvimento do pensamento tem um significado central, básico, decisivo para todas as funções e processos restantes. Com o fim de expressar de modo mais breve e claro o papel fundamental do desenvolvimento intelectual para a personalidade do adolescente e todas as suas funções psíquicas, diremos que **a aquisição da função de formação de conceitos constitui a ligação básica, principal, de todas as trocas que se produzem na psicologia do adolescente.** As ligações restantes dessa cadeia, todas as demais funções parciais se intelectualizam, se transformam e reestruturam pela influência dos êxitos decisivos que alcança o pensamento do adolescente (VIGOTSKI, 2012, p. 113, grifos nossos).

A seguir, Vigotski (2012), trata do **desenvolvimento das funções psíquicas superiores na idade de transição**, e como as funções elementares se reestruturam sobre a base dos conceitos, que irão influenciar a personalidade e a concepção de mundo do adolescente. As funções superiores mostram as leis fundamentais que caracterizam o processo de desenvolvimento do sistema nervoso e da conduta, e estão diretamente relacionadas com a troca da estrutura psicológica e da personalidade do adolescente. O autor assinala que na medida em que se desenvolvem os centros superiores, os inferiores cedem uma parte de suas funções para as formações novas, assim as elementares funcionam como instâncias subordinadas às superiores.

Após explanar sobre as mudanças qualitativas que ocorrem nas funções elementares, Vigotski (2012) traz exemplos de casos de enfermos que apresentam graves alterações nas funções psicológicas superiores e o conseqüente atrelamento à experiência concreta. Observa-

se a dependência que a conduta apresenta do pensamento, percepção, ação, quando há perturbação nas funções superiores, estes exemplos mostram a antítese da criatividade, ao depender de necessidades elementares para realizar qualquer espécie de atividade. A conduta demonstra falta de liberdade: “(...) um homem incapaz de fazer algo se não lhe impulsiona diretamente a situação concreta, não pode criar uma situação, mudá-la, sentir-se do influxo direto de estímulos internos e externos” (VIGOTSKI, 2012, p. 206).

Tratando então da **imaginação e da criatividade na idade de transição**, Vigotski (2012, p. 207) afirma que o pensamento em conceitos é relacionado com a liberdade e intencionalidade da ação “a linguagem do pensamento é a linguagem da liberdade”. O conceito nos permite realizar uma ação sem sentido, algo não provocado de forma natural pela situação externa, o que constitui a voluntariedade da intenção sobre a ação que se efetua. Então, a novidade que aparece na fantasia na idade de transição está relacionada com a intelectualização. Ainda que o pensamento e a fantasia se aproximem na idade de transição estes não se fundem, continuam sendo operações distintas.

Uma das diferenças que surge entre a fantasia do adolescente e da criança, esta no fato de que a criança não fantasia mais do que o adolescente, pois o jovem constrói relações abstratas, fato que enriquece a fantasia, e não o contrário. “A fantasia infantil não está determinada pela riqueza e abundância de suas representações, se deve a uma maior intensidade de seus sentimentos, a sua maior excitabilidade” (VIGOTSKI, 2012 p. 218).

Por fim, Vigotski (2012) finaliza o estudo do desenvolvimento do psiquismo do adolescente com contribuições acerca da formação da **dinâmica e estrutura da personalidade do adolescente**. Para tanto, o autor se fundamenta nas contribuições de A. Busemann, psicólogo alemão que se dedicou ao estudo dos adolescentes. Apresenta assim três leis, que regem o desenvolvimento da personalidade, e estão de acordo com a compreensão da dinâmica e estrutura da personalidade discutida até aqui. A primeira lei é a da *transição de formas e modos de comportamento naturais, imediatos, espontâneos aos mediados e artificiais que surgem no processo de desenvolvimento cultural das funções psíquicas*. Aqui vemos que a ontogênese, processo de desenvolvimento histórico da conduta humana, não adquire novas funções, mas uma complexa combinação das funções elementares. O desenvolvimento cultural do homem está intimamente vinculado com o desenvolvimento histórico social da humanidade.

A segunda lei é a das *relações entre as funções psíquicas superiores que foram em tempos relações reais entre os homens; no processo de desenvolvimento as formas coletivas, sociais do comportamento se convertem em modo de adaptação individual, em formas de*

conduta e de pensamento da personalidade. Vemos que as funções psicológicas superiores são produto das formas coletivas de comportamento. A linguagem no início é um meio de comunicação, porém se transforma no principal meio de pensamento e das demais funções, e ainda mais a frente, no principal meio de estruturação da personalidade (VIGOTSKI, 2012).

No desenvolvimento cultural da criança toda função aparece em cena duas vezes, em dois planos, primeiro no social, logo no psicológico; primeiro em forma de colaboração entre os homens, como categoria coletiva, **interpsíquica** e logo como meio de comportamento individual, como categoria **intrapsíquica**. Esta lei geral regula a formação de todas as funções psíquicas superiores (VIGOTSKI, 2012, p. 228, grifos nossos).

A terceira lei é a da *passagem das funções de fora para dentro*. Em princípio, o signo é um instrumento de influência sobre os outros, e depois sobre si mesmo, nos tornamos nós mesmos através dos outros, pois toda forma superior de conduta é, em princípio, uma operação externa que ocorre na idade de transição. Por fim, o resultado final da idade de transição é resumido por: “O que se costuma denominar **personalidade** não é outra coisa que **a autoconsciência do homem que se forma**, então: *o novo comportamento do homem se transforma em comportamento para-si*, o homem toma consciência de si mesmo, como de uma determinada unidade” (VIGOTSKI, 2012, p. 31, grifos nossos).

Podemos perceber a relação que se estabelece entre cada um dos estágios que constroem o que denominamos de personalidade do adolescente. Iniciando pela alteração dos interesses, conforme modifica-se a atividade e as necessidades; as alterações do pensamento, com a formação dos conceitos, e sua influência direta no desenvolvimento qualitativo das funções psicológicas elementares. Através das funções superiores se torna possível o desenvolvimento da imaginação criativa, e forma a nova estrutura da personalidade do adolescente, constituída por atos psíquicos de caráter pessoal e pelo domínio da autoconsciência. Este processo não ocorre de maneira linear, mas sim “Esta transformação da criança, do ser humano em si em adolescente – ser humano para si – configura o **conteúdo principal de toda a crise da idade de transição**” (VIGOTSKI, 2012, p. 200, grifos nossos). O resgate do estágio de transição da adolescência nos permite compreender de forma sistematizada o desenvolvimento do psiquismo e da autoconsciência. A seguir trabalharemos com a desagregação deste processo, com o estudo do curso não normal do desenvolvimento humano - da esquizofrenia.

O CURSO NORMAL E PATOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO – O ESTUDO DA ESQUIZOFRENIA PARA COMPREENSÃO DA PERIODIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

No tópico anterior, vimos que as funções estudadas até aqui: percepção, memória, atenção e ação prática, não se desenvolvem de forma isolada, mas que pertencem a um quadro geral. São mudanças periféricas que durante a etapa de transição são subordinadas a uma única lei, a função de formação de conceitos. Neste tópico analisaremos como Vigotski (2012) compreende o processo de formação de conceitos e das funções psicológicas superiores por meio do estudo dos processos patológicos. Utilizaremos como referência de análise a dissociação do pensamento que ocorre na esquizofrenia, ainda que o autor também utilize como exemplos para compreender este processo de desagregação a histeria e a afasia. Adiante justificaremos a escolha pela patologia da esquizofrenia conforme estes estudos de Vigotski e as necessidades de investigação desta patologia nos dias atuais.

De forma geral, as questões referentes ao adoecimento psíquico e à saúde mental tornam-se centrais nos estudos científicos em decorrência dos altos índices de indivíduos incapacitados socialmente. Conforme análise da Organização Mundial de Saúde (OMS) a esquizofrenia está entre as dez principais causas de incapacitação, ao lado de outras patologias, como a depressão, sendo diagnosticada em cerca de 1% da população mundial. De acordo com o DSM-5³, o indivíduo esquizofrênico deve apresentar ao menos dois dos seguintes aspectos durante o período de ao menos um mês: delírio, alucinação, discurso desorganizado, comportamento grosseiramente desorganizado ou catatônico, sintomas negativos; sendo que um dos aspectos deve corresponder a um dos três primeiros sintomas apresentados. Tratada centralmente pela psiquiatria, o DSM-5 também categoriza a esquizofrenia como uma psicose, que acarreta grave sofrimento psíquico; comumente identificada na adolescência/início da vida adulta, a maior parte dos indivíduos torna-se incapaz de reestabelecer relações laborais e interpessoais, devido a alterações na percepção da realidade.

No que se refere ao estudo da esquizofrenia no contexto revolucionário e pós revolucionário da União Soviética. Silva (2014), ao estudar aspectos deste contexto social, destaca a relação entre as precárias condições materiais e os altos índices de adoecimento psíquico da população russa. O diagnóstico da esquizofrenia era amplamente utilizado como método de controle, o que justifica a prioridade dada aos estudos da esquizofrenia pelos

³ Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais 5.ª edição.

autores da época, patologia que já despertava inúmeros questionamentos e consequências sociais, conforme explicitado no seguinte trecho:

O sistema stalinista pregava a necessidade de maior rigor científico no diagnóstico da esquizofrenia, tão desconhecido e tornava-a uma enigmática doença, ao mesmo tempo em que atribuía o rótulo de esquizofrenia a uma mente desordenada que, de alguma forma, incidia reivindicações ao sistema político que vigorava (SILVA, 2014, p.86).

As contribuições de Silva (2014) ajudam a entender a centralidade que Vigotski e outros autores contemporâneos a ele, como A. R. Luria e B. W. Zeigarnik dão ao estudo da esquizofrenia, conforme as tensões sociais decorrentes do contexto soviético no início do século passado. Com base nos estudos iniciados, fica latente a necessidade da investigação das alterações patológicas e de sua relação com o desenvolvimento humano, sendo que neste trabalho enfatizamos o recorte da esquizofrenia. Porém, o estudo das patologias em geral se revela necessário, quando observamos a forte tendência à biologização presente hegemonicamente na psicologia e a carência de produções que superem explicações naturalizantes do adoecimento psíquico e que desconsideram, por sua vez, as determinações sociais.

O estudo das patologias nos leva ainda a refletir sobre as complexas relações do processo de desenvolvimento e de desintegração que ocorre nas mudanças patológicas. Vigotski (2004) mostra que a questão do que deve ser tomado como regra/padrão, como o normal ou patológico não é uma questão consensual na psicologia. Nós compreendemos, conforme apresentado na introdução do trabalho, que o processo mais desenvolvido é a chave para a compreensão do menos desenvolvido. A esse respeito, tem-se que “O desenvolvimento é a chave para entender os processos patológicos, os processos de dissociação das sínteses, das unidades superiores e a patologia é a chave para entender a história do desenvolvimento e estruturação dessas funções sintéticas superiores” (VIGOTSKI, 2012, p.168). Porém, apontamos aqui a necessidade de compreender o desenvolvimento em seu curso normal, com o processo mais desenvolvido de atributos genéricos do ser humano, que em comparação com a patologia carrega maiores possibilidades de desenvolvimento das potencialidades do gênero humano.

Vigotski (2012) em seus estudos da periodização mostra o quanto o curso do desenvolvimento normal e patológico auxiliam para a compreensão das etapas analisadas nas idades de transição, em específico na adolescência. O autor em seu estudo da *Psicologia do desenvolvimento do adolescente* trata da desagregação que ocorre nos processos patológicos da histeria, afasia e esquizofrenia.

Durante o período de maturação sexual o homem passa por grandes e visíveis mudanças que coincidem com os traços esquizofrênicos no início de seu desenvolvimento. O estudo do conteúdo e das formas de pensamento do esquizofrênico nos aproxima dos estudos realizados sobre a histeria e afasia, em que há um descenso a um nível genético mais primitivo de desenvolvimento. A formação de conceitos, central no desenvolvimento intelectual da idade de transição é afetada, o que sobra como essência do pensamento esquizofrênico é a abundância de imagens e símbolos, em forma visual-direta, modo predominante na criança de idade precoce. (VIGOTSKI, 2012).

De forma genérica, podemos falar que nas três patologias trabalhadas por Vigotski (2012), quando há desagregação do significado social dos conceitos, as funções superiores são impactadas, na medida em que há uma interrupção da função geral do aparato nervoso e uma regressão às funções elementares.

(...) não somente se modifica na esquizofrenia o conteúdo de alguns conceitos, não só se desintegram algumas conexões, mas toda percepção da realidade, todas as vivências do mundo circundante se alteram. Havíamos dito antes que para o adolescente o passo ao pensamento em conceitos permite formar um quadro sistematizado do mundo que o rodeia. No esquizofrênico essa vivência, essa visão de mundo, se destrói (VIGOTSKI, 2012, p. 193).

Para Vigotski (2012), a função da formação de conceitos é também ponto central para a compreensão da esquizofrenia, ainda que a desagregação de conceitos não constitua a causa da esquizofrenia, é o resultado imediato da doença. Para o autor, a compreensão da patologia traz contribuições para além dela própria, na medida em que a enfermidade ajuda a desvendar as leis que regulam a formação da personalidade e da concepção de mundo, e as conexões internas com a formação de conceitos. Afirmamos assim que o estudo da esquizofrenia se *justifica socialmente* tanto pela necessidade histórica de oferecer um tratamento que proporcione humanização aos enfermos, quanto pela importância da *esquizofrenia, como chave para compreender as leis gerais que regulam a formação da personalidade*, o que contribui para o estudo da psicologia geral. Em resumo, Vigotski traz a seguinte sistematização a respeito do processo que ocorre na esquizofrenia:

A esquizofrenia, portanto, se nos apresenta como um quadro de desagregação daquelas sínteses e unidades superiores cuja configuração e estruturação constituem o conteúdo principal de todo o processo de desenvolvimento psíquico na idade de transição. Todas as funções psíquicas superiores, memória lógica, atenção voluntária e processos volitivos, percorrem de fato um mesmo caminho histórico tanto no processo de

maturação do adolescente como no processo de desintegração esquizofrênica, porém em direções opostas. Na esquizofrenia, todas as funções superiores, todas as sínteses psicológicas superiores, incluída a consciência da realidade e da autoconsciência da personalidade, percorrem o caminho inverso ao desenvolvimento e repetem em ordem inversa todo o caminho do desenvolvimento direto e a formação dessas sínteses no período da maturação sexual (VIGOTSKI, 2012, p. 197).

Por fim, Vigotski compreende que a esquizofrenia é uma doença psicogenética, que ainda que não se possa afirmar sua etiologia, ou o que organicamente gera a desestruturação dos conceitos, devemos *estudar os fenômenos relacionados com a mudança de personalidade*, conforme deixa explícito no trecho: “(...) a *esquizofrenia é um conceito psicopatológico e não de diagnóstico médico*, já que abarca *melhor* um determinado tipo de mudanças *patológicas da personalidade* e da concepção de mundo, que uma certa forma de enfermidade mental, constitui uma determinada unidade nosológica, um determinado quadro clínico” (VIGOTSKI, 2012, p. 198, grifos nossos). Assim o autor demarca a responsabilidade histórica da psicologia para com a desagregação presente na esquizofrenia, visto que as consequências da patologia ultrapassam os limites da psiquiatria, e possibilitam trabalhar tanto sobre aspectos de manejo da própria patologia no sujeito adoentado, quanto sobre a promoção de desenvolvimento humano.

CONCLUSÃO

Através da revisão bibliográfica de obras de autores e continuadores da psicologia histórico cultural, buscamos construir no plano concreto, a relação que se estabelece entre o desenvolvimento humano e as contribuições das variáveis patológicas que se estabelecem no curso da humanização. Primeiramente apresentamos contribuições gerais deste desenvolvimento, para tratar com centralidade do desenvolvimento que ocorre na adolescência, responsável pela formação da hierarquia de interesses, da formação de conceitos, e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que permitem o desenvolvimento e a compreensão da dinâmica e estrutura da personalidade do adolescente. Utilizamos também a análise da desagregação na esquizofrenia, observando o processo inverso que Vigotski aponta, onde a esquizofrenia constitui o percurso contrário do desenvolvimento da formação de conceitos, e das funções psicológicas superiores, decorrentes do primeiro.

Ressaltamos que este trabalho realizou um recorte de poucas obras para a dimensão e complexidade do tema abordado, não esgotando nem ao menos os estudos realizados por Vigotski a respeito da esquizofrenia. Porém consideramos que a obra *Psicologia do*

desenvolvimento do adolescente (VIGOTSKI, 2012) constitui um amplo e denso material, que para esta análise possibilitou diversas reflexões, presentes no desenvolvimento teórico.

A análise aqui realizada, de cunho teórico-metodológico, aponta alguns caminhos que não foram esgotados no presente texto. Alguns deles que consideramos necessário pontuar são: a compreensão etiológica da esquizofrenia; desdobramentos da contribuição da esquizofrenia para a construção e destruição da personalidade do adolescente; necessidade de promover formas de tratamento, que proponham mudanças nas atividades desempenhadas em seu contexto social, gerando transformações na estrutura da atividade, nas relações sociais estabelecidas e consequente vivência do indivíduo. Por fim, frisamos que a intervenção do psicólogo, seja na área de saúde, educação ou quaisquer outras, deve percorrer e avançar nos pressupostos da psicologia histórico cultural e do método histórico dialético, promovendo humanização e o desenvolvimento dos indivíduos, sejam eles adoecidos por alguma patologia ou não.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELKONIN, D. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (antología)**. Moscou: Progreso, p. 104-124, 1987.

FACCI, M., & LEAL, Z. Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In Leal, Z. F.R.G; Facci, M. G. D.; Souza, M. P. R. (Org). **Adolescência em foco: Contribuições para a Psicologia e para a Educação**. Maringá: EDUEM, p. 15-44, 2014.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A. N. Las necesidades y los motivos de la actividad. In: SMIRNOV, A.; LEONTIEV A. N., *et al*, (orgs.). **Psicologia**: Grijalbo, p. 341-354, 1969.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, p. 59-83, 2006.

SILVA, M. A. S. **Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução Claudia Beliner. – 3ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.